

PRÁTICAS NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA FEUSP: ESTUDO DO MEIO

Beatriz Moreto de Campos
beamcampos@usp.br¹

Resumo

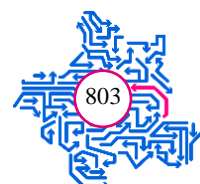
O ensino da Geografia na escola tem como um de seus objetivos desenvolver a criticidade no aluno e fazer com que aprenda a ler e perceber a sociedade e a natureza, em suas mútuas relações. O Estudo do Meio tem papel fundamental nesses objetivos. Acompanhando esta atividade metodológica na Escola de Aplicação da FEUSP, como foco central da pesquisa de mestrado, foi possível notar, ainda que parcialmente, o impacto causado pela experiência de sair da sala de aula e tratar de assuntos educacionais presentes no currículo nos locais e nas formas em que esses acontecimentos se processam. Houve experiências sensoriais de todas as formas, entrevistas, conversas informais, observações, organização de temáticas e trabalhos a serem realizados pelos alunos na volta da saída a campo. Destaca-se também nesta “metodologia” o papel do professor como constante mediador entre o estudante e o conjunto das vivências em campo: a cronologia dos acontecimentos, os horários, a recepção a ser feita e os momentos de observação, memória e reflexão.

Palavras-chave: Estudo do Meio, Ensino básico, Trabalho de campo.

Introdução

Diferentes teorias sobre o ensino vêm sendo propostas para que trabalhemos com nossos alunos com a utilização de diferentes metodologias para melhor processo de ensino-aprendizagem. Por mais que muitas dessas atividades que fogem da dupla “giz e lousa” funcionem e por mais que se pareça verdadeiro desafio para os professores do ensino básico da rede pública, talvez nenhum seja tão complexo e completo como a prática do Estudo do Meio. Deixemos claro que o Estudo do Meio não se trata apenas de levar o aluno a um museu ou um parque, voltar para a sala de aula e esquecer aquilo que fora visto, mas ao contrário. Essa prática envolve uma extensa e intensa organização por parte dos professores envolvidos, começando pela organização dos temas que serão abordados, os locais a serem visitados, a distribuição das aulas para que o grupo de professores tenha tempo de trabalhar os temas, a organização do caderno de campo e as propostas de trabalho pós campo. Além dos percalços

¹ Mestranda em Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares na Faculdade de Educação da USP; bolsista da CAPES, sob orientação de Nídia Nacib Pontuschka - nidia@usp.br.



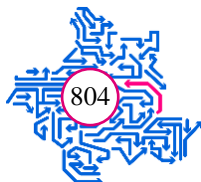
e imprevistos encontrados durante a saída a campo. Tanto quanto a organização, um Estudo do Meio exige esforço dos professores envolvidos, além de necessitarem de contribuições de funcionários e da gestão da escola para que as atividades possam ser bem sucedidas.

Essa enumeração de etapas necessárias para a realização da atividade em questão foi possível ser notada e acompanhada com o desenvolvimento da pesquisa de mestrado realizando-se in loco na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP (EAFEUSP). Instituição esta que tem um longo e rico histórico na prática do Estudo do Meio, sendo que este se encontra presente em seu Projeto Político Pedagógico, mas infelizmente vem perdendo espaço a contragosto de muitos professores e da gestão da escola. Isso se deve em razão da ampla política de cortes e/ou contingenciamento de recursos da atual gestão da Reitoria que atinge a USP como um todo, e parte desse repasse destina-se à Faculdade de Educação, responsável, por exemplo, pelas verbas para a locação de ônibus e das diárias para os professores em campo.

Há também outros dois pontos ligados a esse contingenciamento e que desestimulam participações nas saídas de campo (principalmente nas mais extensas e com pernoite): o primeiro diz respeito aos “alunos assistidos”, os quais através da avaliação socioeconômica recebem bolsas, entre elas a de atividades didáticas, custeando as despesas das idas a campo. Acontece que, cada vez mais, menos alunos têm recebido esta e outras bolsas, levando-os a desistirem das idas a campo por não poderem arcar com todas as despesas. O segundo ponto refere-se ao quadro de professores. A EAFEUSP não tem conseguido contratar professores para repor aqueles que se aposentaram ou aderiram ao Programa de Incentivo à Demissão Voluntária (PIDV), fazendo com que a carga didática daqueles que permaneceram se eleve, não permitindo que participem do Estudo do Meio ou fazendo com que tenham pouco tempo para se dedicar ao projeto.

Durante o primeiro semestre de 2016, acompanhei a maioria das atividades desenvolvidas pelos professores envolvidos no planejamento dos Estudos do Meio do 8º ano do Ensino Fundamental II e do 2º ano do Ensino Médio: reuniões para a organização das aulas e da saída a campo, aulas pré-campo, ida a campo e para o 2º semestre, 2016, acompanharei os trabalhos pós-campo.

Uma das características mais relevantes da ida a campo é a concretização do espaço (em seu sentido leigo). Ao sair da sala de aula, após aulas de preparação, imaginando como



seriam as igrejas barrocas, a extração do minério de ferro, as formas dos minerais e a configuração das cidades a serem visitadas, tudo isso se concretiza. E a feição dos alunos revela a importância desse olhar de perto, do tocar, do ouvir, explorando os seus sentidos. A expectativa para a realização do trabalho de campo no Estudo do Meio instiga também os jovens a pensarem: será que este lugar é como nas fotografias? Será que as ruas são assim mesmo? Trazendo à tona uma importante questão para a Geografia: a localização. Em seu texto no Boletim do Conselho Nacional de Geografia La Blache afirma que:

É necessário deixar impresso nos nossos alunos o hábito de cada vez que se pronuncie o nome de uma localidade sintam a necessidade e o desejo de saber onde se encontra, em que parte do globo, em que posição em relação à que eles ocupam, em que condições de extensão e distância em relação com aquelas que podem apreciar diretamente por si próprios. Muitos dos preconceitos e ideias falsas deste mundo procedem que não sabemos localizar (1943, p. 19).

O texto está estruturado a fim de: esclarecer os princípios e as finalidades da realização de um Estudo do Meio; justificar e apresentar a escolha da Escola de Aplicação para a realização desta pesquisa; realizar um relato do que foi visto e vivido na ida a campo com o 2º EM; e então trazer exposições a respeito dessa vivência considerando textos sobre Trabalho de Campo, Estudo do Meio e Ensino de Geografia na Educação Básica.

Estudo do Meio

Uma das características do Estudo do Meio é a interdisciplinaridade, uma vez que,

[...] pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta de compreender. O Estudo do Meio, além de ser interdisciplinar, permite que o aluno e professor se embrenhem num processo de pesquisa. Mais importante do que dar conta de um rol de conteúdos extremamente longo, sem relação com a vivência do aluno e com aquilo que ele já detém como conhecimento primeiro, é saber como esses conteúdos são produzidos (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE; 2007, p. 173).

Nesse mesmo sentido, Fazenda (1991), afirma que o pensar interdisciplinar promove o diálogo com as diferentes formas de conhecimento. Por outro lado, Ferreira (1991), no mesmo livro organizado por Ivani Fazenda, acrescenta que essa construção do conhecimento integrando as diferentes ciências não garante sua perfeita execução, assim, a interdisciplinaridade é uma possibilidade de enriquecer e ultrapassar a fragmentação do conhecimento. A atitude interdisciplinar necessita de uma consciência clara e objetiva por

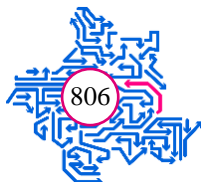
parte daqueles que a praticam; com ela aprende-se que um fato nunca é isolado, mas sim consequência da relação entre muitos outros fatos e saberes.

No Estudo do Meio, a pesquisa de campo e a organização do conhecimento são fundamentais para a análise da realidade estudada, dessa forma o aluno pode construir seu conhecimento a partir da observação direta da realidade, pois ele conhece sua dimensão prática e consegue analisá-la em seus diversos aspectos de forma integrada, facilitando o entendimento do cotidiano, na relação teoria e prática e de relacionar os conhecimentos escolares com a prática vivenciada no cotidiano. O aluno tem a oportunidade de observar as aparências dos fenômenos e buscar a essência, perceber as múltiplas fontes de informações que existem à disposição, vivenciar um trabalho fora do convencional, mas que está planejado, desmistificar falsos valores através da compreensão da realidade, trabalhar com a ideia de permanências e mudanças, vivenciar atividades que contemplam as dimensões do coletivo e do individual e superar a fragmentação do conhecimento.

O Estudo do Meio, segundo Lopes e Pontuschka (2009) resulta de uma tradição escolar inspirada em educadores como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), Espanha e Céléstin Freinet (1896-1966), na França; esta prática coletiva ou prática social visa proporcionar aos estudantes uma aprendizagem com um contato direto com a realidade. Para os autores, apesar da disseminação e popularização dos Estudos do Meio, nos anos de 1960, no interior do movimento da Escola Nova, registros de décadas anteriores mostram sua realização nas escolas fundadas por grupos de imigrantes europeus anarquistas, os quais no início do século XX fixaram-se principalmente em São Paulo e ocuparam postos de trabalho na indústria brasileira emergente em franco desenvolvimento. Estas escolas basearam-se nas ideias pedagógicas de Ferrer e “tinham como princípio oferecer um ensino racional, fundamentado em observações de campo, em discussões e na formação do espírito crítico sobre o meio circundante, ou seja, o contexto social do entorno da escola da qual pertenciam os alunos” (PONTUSCHKA, 2004).

Para as escolas anarquistas ao estudar seu meio, o aluno aprenderia a criticar suas imperfeições e injustiças sociais e poderia, então, participar da realização de uma sociedade mais justa,

Uma das diferenças entre os anarquistas e os escolas novistas estava nas propostas referentes ao estudo do seu entorno, pois os segundos acreditavam que a participação do



aluno deveria ser no sentido deles se adaptarem “ao meio social”, entendendo sua comunidade como um espaço quase sem conflitos e com pessoas vivendo para a concretização de um único ideal. Mesmo com pontos discordantes, o Estudo do Meio tornou-se um tema privilegiado nas referidas escolas. Inspirada principalmente pelos franceses, a Escola de Aplicação retirou parte dos métodos do grupo Freinet e também de Cousinet. Nesse caso o meio era entendido como o conjunto de realidades externas ao sujeito, sendo que um age sobre o outro, procurando nunca perder de vista o contexto total do meio humano e natural.

O Estudo do Meio sofreu uma extinção no Colégio de Aplicação da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e Colégios Vocacionais em razão do fechamento decretado pela Revolução de 1964, pelos militares que implantaram a Ditadura. Muitas práticas educacionais como o Estudo do Meio foram consideradas perigosas, pois facilitavam o raciocínio do aluno sobre a realidade vivida na época. O Ministério da Educação (MEC) implantou a disciplina denominada Estudos Sociais, o que esvaziou os conteúdos da Geografia e da História, praticamente eliminando o papel crítico dessas disciplinas. Somente no final da década de 1970 e início dos anos 1980, buscou-se retomar o Estudo do Meio e seu caráter interdisciplinar, trazendo novos desafios metodológicos e epistemológicos nas escolas públicas.

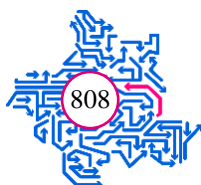
Quanto ao ensino de Geografia, durante o Estudo do Meio o tempo e o espaço podem ser entendidos, uma vez que, as observações sensíveis possibilitam uma aproximação entre esta disciplina, a História e a outras disciplinas; todos os elementos integrantes de um espaço (a escola, a indústria, um córrego, um rio, uma rua) podem ser pontos de partida para uma reflexão acerca do espaço. Além da descrição desses locais é importante ir além, pois nos lugares escolhidos para visita há o que refletir em Geografia e não há lugares “pobres” ou “privilegiados”, é necessário saber “ver” e “dialogar” com o espaço, principalmente porque as explicações podem estar no interior daquela realidade, sendo visíveis ou não. O diálogo com o espaço – que não é autoexplicável - move professor e aluno a irem além, fazendo com que eles percebam que o meio não é imóvel, tem movimento e dinamicidade. No momento em que o aluno retornar para a sala de aula pós-saída a campo ele terá a oportunidade de aprofundar muitas das questões surgidas e documentadas em seu caderno de campo. Esse trabalho faz com que seja evitada a fragmentação de informações em diferentes fontes escritas, jornais e revistas; o aluno poderá realizar leituras mais profundas, pois agora ele possui novos parâmetros para contextualizar os fatos e as informações.

Para Cavalcanti (2002), o Estudo do Meio é um procedimento de tradição nas práticas de ensino em geral, principalmente nos estudos geográficos na escola, pois entende o meio como um processo de interrelação entre a natureza e a sociedade. No que diz respeito à elaboração conceitual, pode-se pensar na construção dos conceitos a partir dos conhecimentos prévios dos alunos para conduzi-los à elaboração do conceito científico. Dessa forma, o Estudo do Meio permite ao aluno encontrar elementos tanto físicos, humanos ou ambientais que correlacionados chegam à análise espacial, tarefa principal da Geografia.

A Escola de Aplicação da FEUSP e sua trajetória

A Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (EAFEUSP) foi escolhida para a realização de minha pesquisa por contar com a metodologia do Estudo do Meio desde seus primórdios, construindo assim uma importante reputação nessa atividade. Construída em 1958 com o nome de Escola de Demonstração, mantida pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais “Professor Queiroz Filho”, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que tinha por objetivos a realização de ensaios sobre técnicas renovadas de ensino. Mais tarde a escola foi incorporada à Universidade de São Paulo (USP) através do convênio formado entre a Instituição e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 31 de agosto de 1972, adotando assim o nome que possui até hoje.

Dentre os objetivos presentes no Plano Escolar Anual de 2014 e também no Regimento Interno, constam que a Escola deve “Sediar e executar pesquisas de interesse próprio ou da Faculdade de Educação, de seus cursos e docentes, que visem ao aperfeiçoamento do processo educativo e de formação docente”. A partir dessa afirmativa percebemos o valor que a Escola dá às pesquisas realizadas junto a ela. Segundo consta no site da escola, o Estudo do Meio faz parte da história da Escola de Aplicação, tratando-se de uma metodologia muito rica para o ensino-aprendizagem de diferentes conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que nem sempre podem ser abordados dentro da sala de aula; a Escola privilegia essa metodologia para a estruturação de parte do seu currículo escolar, pois esta possibilita diversas formas de investigação e de produção do conhecimento, em especial no que tange à interação de múltiplos olhares e estratégias de pesquisa. O Estudo do Meio consta no Plano Escolar de 2014 em diferentes disciplinas (Arte, Geografia, Ciências, História, etc) a partir do 4º ano do Ciclo 2.



Ensino Médio – 2º ano – Trabalho de campo no quadrilátero ferrífero

Em junho de 2016 foi realizada a saída a campo do Estudo do Meio do 2º EM da EAFEUSP. Foram visitadas as cidades de Mariana/MG (na qual nos hospedamos), Ouro Preto/MG e Congonhas/MG. Contamos com a presença de 57 alunos, 1 pesquisadora, 4 estagiários de Geografia, 2 de História e 2 de Ciências Sociais, 4 professores (Matemática, História, Geografia e Física) e 1 funcionária que auxiliava no cuidado com os alunos e na prestação de contas com a Escola. Nosso primeiro dia (20/05) foi todo na estrada, e apesar de não haver paradas específicas para observações, ao cruzarmos a divisão entre os estados de São Paulo e Minas Gerais muitos alunos passaram a chamar a atenção para as diferenças na paisagem e na composição do relevo.

Nos dias que se seguiram as turmas foram separadas para a realização das atividades. Nós (estagiários e pesquisadora) também fomos divididos, conforme escolha dos professores, para que pudéssemos participar de todos os momentos. Com a turma que acompanhei, na manhã do primeiro dia realizamos uma visita à Vale S.A. Fomos recepcionados por uma funcionária e pudemos conhecer parte do complexo da Mina de Alegria no município de Mariana. Os alunos ficaram surpresos com a extensão de terra ocupada pela mineradora e pela presença intensa e constante de barro, terra e caminhões de enormes proporções. Nossa monitora nos levou para um pequeno auditório no qual contou um pouco da história da empresa, seus principais produtos, países compradores, valores e a atual “crise” vivida no ramo da mineração. Este ponto (a respeito do lucro da empresa) foi bastante comentado pelos alunos quando voltamos ao ônibus, muitos comentaram em tom de deboche a queda no lucro da empresa que, apesar da dita crise, continua na casa dos bilhões de reais. Apesar de questionada sobre o acidente com distrito de Bento Rodrigues e outros, a monitora foi breve nos comentários e limitou-se a dizer que a Vale colaborou em vários sentidos e que a empresa não sabe o que causou o acidente, e que estão aguardando os resultados da perícia e o pronunciamento da Samarco.

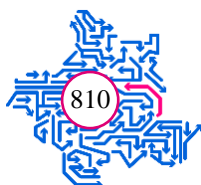
Nossa última atividade na mineradora foi a observação da extração do minério de ferro. A partir desta, os alunos desenvolveram um croqui em seus cadernos de campo. Nesse momento contamos com a presença e a explicação de outros dois funcionários da empresa, que esclareceram as dúvidas dos alunos a respeito do volume, do ritmo, do formato e do modo de extração do minério. Ainda neste dia, ao voltarmos para o hotel, foram realizadas entrevistas com pessoas que foram atingidas diretamente pelo rompimento da barragem. Os

alunos foram divididos em pequenos grupos e fizeram as perguntas que já haviam estruturado em aulas preparatórias para o campo. Muitos alunos se emocionaram e ficaram um tanto surpresos com algumas declarações, como a de um então morador de Bento Rodrigues que afirmou estar desempregado desde o acidente e que agora espera que a Samarco volte logo a operar para que ele e a esposa possam, possivelmente, serem contratados pela empresa. Ao fim das entrevistas, os alunos encerraram as atividades do dia e estavam dispensados.

Tivemos a oportunidade de ir à Igreja São Francisco de Assis, o Museu Casa dos Contos, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Pilar - nas quais foram importantes a visualização dos trabalhos de Aleijadinho e seus alunos. Essas visitas foram conduzidas pelo professor de História, que enfatizou as características barrocas das igrejas e as mudanças no país, assim como seus reflexos na moeda e na relação com os escravos.

No mesmo dia visitamos também o Museu da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) – Museu da Ciência e Técnica. No local os temas abordados foram mineralogia, metalurgia e siderurgia; os alunos obtiveram noções sobre a formação dos minerais, sua extração, uso e também suas cores e formas, expostos em uma sala específica. Quanto à metalurgia e à siderurgia, o monitor fez explanações acerca dos processos de produção do aço, do alumínio, o uso de diferentes fornos e as técnicas de lavra.

No dia seguinte, fomos à Mina da Passagem, guiada por um monitor, onde os alunos vivenciaram a permanência *in loco* de uma jazida de extração de minério de ferro. Muitos deles comentaram as condições dos trabalhadores à época, quando o calor e a falta de ar eram intensos. No subterrâneo eles puderam se informar acerca do que já fora extraído dali e por que as atividades daquele lugar chegaram ao fim. Na sequência, nos dirigimos de volta à cidade de Mariana para, no centro comercial, realizar observações sobre a arquitetura colonial, entrevistas com moradores que por ali passavam, sendo questionados sobre o acidente do rompimento da barragem de lama. No Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, os estagiários de História colaboraram muito para o entendimento das obras, contribuindo para que os alunos fizessem as anotações no caderno de campo. No último dia estivemos em Congonhas, para lá visitarmos o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Neste local o barroco foi mais uma vez bastante explorado, os alunos puderam observar a igreja, contemplar em detalhes as imagens e apreciar a localização e distribuição das obras em 6 capelas.



O caderno de campo preparado pelos professores visa abranger todos os pontos que serão tratados por cada disciplina e também de maneira interdisciplinar nos locais visitados. Dentre os objetivos do caderno de campo do 2º EM podemos destacar no âmbito da Geografia: desenvolver técnicas de coleta de dados (registro escrito e fotográfico, observação, e outros), identificar e analisar as transformações ambientais e socioeconômicas dos locais visitados, observar e registrar as diferentes formas e ocupação do relevo e a expansão urbana em função da atividade mineradora e, observar e coletar informações sobre a ocorrência, a exploração e a importância econômica dos recursos minerais. Além dos objetivos que abarcam as relações em campo: experiência de ensino-aprendizagem coletiva, atitudes de cooperação, participação e comprometimento e, momentos de sociabilidade e integração.

Tendo isto em vista, algumas atividades merecem então um olhar especial sobre o ensino de geografia. A primeira delas é a visita à Mina de Alegria da mineradora Vale S.A.. Este momento foi muito enriquecedor para os alunos, pois eles puderam compreender a complexidade do funcionamento de uma Mina, a quantidade e a qualificação dos trabalhadores que ela exige, a quantidade de minério que é extraído e daí então a geração de lucro e de relações internacionais com os países que adquirem esse produto e a relação (ao menos parte dela) da empresa com o município e a região. A caminho da Mina, ainda no ônibus, os alunos comentaram a respeito de fazer perguntas sobre o desastre ambiental ocorrido em novembro/2015, o professor comentou que poderiam fazer perguntas neste sentido, mas que dificilmente teriam respostas concretas. E foi o que de fato aconteceu.

Ainda na Mina, foi pedido que os alunos realizassem um croqui no momento que em estávamos na parte mais alta e de lá conseguíamos ver o processo de extração do minério de ferro. Além disso, foi somente neste momento, e em razão da vista privilegiada, que muitos alunos deram-se conta e comentaram entre si as modificações ocorridas na paisagem em razão dessa extração. Eles notaram a extinção da vegetação, a ausência de animais e o desaparecimento de morros, do relevo natural e particular daquela região. Outro ponto que chamou a atenção deles foram as condições de trabalho de parte dos funcionários, principalmente daqueles que lidam diretamente com a extração e com o carregamento do minério nos enormes caminhões que realizam o transporte, emitindo uma grande quantidade de poluente e ruídos.

Também a respeito da mineração hoje e da empresa Vale S.A., as entrevistas, tanto com aqueles atingidos pela barragem, quanto com os transeuntes no centro de Mariana,

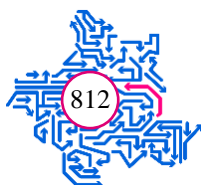
aproximaram os alunos da relação entre aqueles que vivem ali e a empresa. Sendo esta geradora de muitos empregos e vista com bons olhos por muitos moradores, mesmo a maioria deles comentando que ela teria culpa pelo rompimento da barragem. Em um momento de retorno no tempo, ao visitarmos a antiga mina de exploração, a Mina da Passagem, parte dos alunos comentou a respeito das diferentes sensações deste momento e daquele na Mina de Alegria.

Os professores já haviam realizado uma leitura e uma breve explicação sobre o caderno de campo e o que seria pedido para eles quando ainda em sala de aula, no momento de campo os alunos tiveram muita liberdade e tempo para responder às questões, conversarem entre si, tirarem dúvidas com os professores e pedirem ajuda aos estagiários e à pesquisadora. A visita ao museu da UFOP encerrou o ciclo de entendimento a respeito da mineração da região. Com temas e abordagens mais voltados à Física, alguns alunos comentaram que somente naquele momento estavam entendendo de fato o processo visto na Mina de Alegria, através de maquetes e exemplos de maquinários e processos físico-químicos.

A mescla de temas e atividades das 4 disciplinas presentes tornou possível a criação de relações entre os diferentes assuntos abordados, alguns tão caros a somente uma matéria. A sequência das atividades também teve relevância nesse sentido, permitindo o momento de observação, reflexão, uma segunda experiência no mesmo sentido (como a visita a uma atual mineradora e a uma mina desativada) e então outro momento de reflexão, levando os alunos a compararem as vivências e concretizarem suas visões nas respostas das questões propostas no caderno de campo. Sobre o papel do professor, La Blache diz

A perfeição dos livros e dos instrumentos de trabalho serve para facilitar a tarefa do mestre; tal é o fim da esperança daqueles que se consagram a tal obra. Mas nenhum espírito sensato pensará que o livro pode substituir a ação direta e pessoal do mestre. Se é certo que o ensino de geografia deve despertar o espírito de observação, apoiar-se em realidades sensíveis, recorrer às impressões e à experiência, este programa não atribui aos mestres obrigações particulares? (1943, p. 24).

É também o professor que trará aos alunos antes, durante e depois da saída a campo a problematização dos assuntos tratados, gerando uma nova relação entre alunos, professores, conteúdos, conceitos e linguagens colaborando para que a organização conteudista dos temas a serem tratados ganhe outro olhar e contribua para que os alunos vejam os processos de outrora com outros olhos. De acordo com Girotto



[...] a apropriação dos conteúdos e conceitos da Geografia vão ressignificando a forma dos alunos verem e viverem a realidade. O “mato da beira do rio” se transforma em mata ciliar. A concepção de segregação socioespacial é construída como uma das formas de se interpretar as contradições presentes naquela realidade. Todos estes elementos vão permitindo ao aluno juntar os pontos de uma história que se encontra ainda bastante confusa em suas experiências cotidianas de vida, organizando assim uma forma de raciocínio que acentua o elemento geográfico da realidade. [...], o olhar sobre determinadas situações recebe novos contornos a partir de sua projeção em um croqui, em uma carta, em um mapa. (Giroto, 2015, p. 241).

O trabalho de campo constitui-se em uma metodologia, mas conforme Lacoste “é uma prática indispensável, mas não suficiente” (2006, p. 90). Aplicando-se isso ao ensino de Geografia na educação básica, o retorno para a sala de aula e as reflexões que a partir daí surgirão, serão etapas tão importantes quanto aquelas já vividas. O trabalho pós-campo irá então sintetizar e organizar o que foi visto, trazendo uma leitura do aluno a respeito de determinado tema.

Considerações finais

A visita aos locais escolhidos ressalta a importância da região do Quadrilátero Ferrífero na história atual. A riquíssima produção artística, reconhecida mundialmente, os museus repletos de objetos históricos e as igrejas que muito tem a dizer sobre o nosso passado levam os alunos e os demais visitantes a uma viagem no tempo, procurando entender que relações ali se deram, como elas podem ser lidas hoje e que novas histórias estão sendo produzidas naquele espaço. A exploração nas minas que hoje apresenta outro objetivo, segue explorando também a mão de obra e o meio ambiente.

Esta experiência de Estudo do Meio reforçou a importância da interdisciplinaridade e do trabalho coletivo de professores no planejamento e execução das atividades que levam os alunos a viverem experiências que não seriam possíveis dentro da sala de aula, ou mesmo da própria escola. No que diz respeito à Geografia, os momentos tornam-se ainda mais enriquecedores, pois no trabalho de campo é possível ter dimensão das relações entre a sociedade e o espaço, entre a ação da sociedade humana e a modificação da paisagem, entre os interesses do capital e a sobrecarga ao meio ambiente. É no trabalho de campo que a Geografia se mostra, é nesse momento que ela se revela como importante ferramenta na leitura do mundo, auxiliando o aluno na crítica e na interpretação sobre o meio e a sociedade.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**. Ed. Alternativa: Goiânia, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina Alves. Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa. In: FAZENDA, Ivani Catarina Alves. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 15-18.

FERREIRA, Sandra Lúcia. Introduzindo a noção de interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani Catarina Alves. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 33-36.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Formando leitores do mundo: algumas considerações sobre o ensino de Geografia no mundo contemporâneo. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 231-247, 2015. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/issue/view/13>>. Acesso em 07 agosto 2016.

LA BLACHE, P. V. de. A Geografia na Escola Primária. **Boletim do Conselho Nacional de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 1, 1943. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1943_v1_n1_abr.pdf>. Acesso em 10 agosto 2016.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. In **BPG** 84. São Paulo: AGB, 2006, p. 77-92.

LOPES, Claudivan Sanches.; PONTUSCHKA, Nidia Nacib. Estudo do Meio: teoria e prática. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, p 173-191, 2009.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei;. Estudo do Meio: momentos significativos de apresentação do real. In: **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 173-212.

PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio, interdisciplinaridade, ação pedagógica. IN: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., 2004 Goiânia. **Anais ...** Goiânia, GO, 2004.

